



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da C. G. T.

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Enq. telegr. Telhoba — Lisboa — Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O reconhecimento dos soviets

Parece que vai ser emfim reconhecido o novo estado social russo. Cortas revelações diplomáticas, vindas a público indiscretamente, não deixam dúvidas de que se prepara uma modificação política dos Aliados, devido não só à atitude cada vez mais hostil da classe operária contra a intervenção armada num país livre, mas, sobretudo, ao reconhecimento da impotência em subjugar grande movimento proletário. Quando se fizer a história dos sucessos russos e for acessível ao estrangeiro o país dos soviets, ter-se-á de que infamias e indignidades se serviram as chancelarias negras para desacreditarem a revolução do oriente, e que falas de visão houve da parte das elites que, orientados nas correntes democráticas que sopram no mundo, não hesitaram associar-se aos baixos processos da política oportunista da qual, bem inconscientemente, bem parvoamente, eram o odioso jogo. Hoje que as coisas parecem melhor encaninhadas e que, mereço dum heurístico e duma audácia que só a justiça dum causa nobre podia inspirar, o bolxismo russo resiste guardadamente à coligação do imperialismo capitalista, um ambiente mais favorável de tolerância e de indulgência começa a criar-se. Que os soviets resistem ao imperialismo aliado é que ninguém contesta já. Os ingleses vêm-se obrigados a abandonar Arcangel, a retirar mil tebeos slávicos vãos para a Rússia asiática. O chefe da contra-revolução, Koltchak, transfere o seu quartel-general para Irkutsk e interna-se na Sibéria cada vez mais longe da Rússia europeia. O outro chefe da contra-revolução, Denikine, enquadrou-se com a diversão destrutiva da ofensiva contra a Grécia. Por outro lado a paz no governo de Moscú negocia com as novas repúblicas bálticas já reconhecidas pela Entente, e nam ineficaz o bloqueio desta e inutilizam qualquer agressão possível da parte da Alemanha governada agora pelos socialistas. O Kaiser, tão inimigo dos soviets como os imperialistas ocidentais.

E como explicar este triunfo dos soviets? A que atribuir estes sucessos retumbantes com tão fracos recursos militares como são aqueles de que dispõem os exércitos vermelhos? A bolchevização de toda a Rússia, ao enraizamento das instituições soviéticas por toda a velha terra dos czares. Em presença de factos tão evidentes, e na mente de ignorantes ou de cecados pode germinar a ideia de que o bolxismo está agonizando o esterioriza como arengam ariamente as gazetas burguesas uma insistência que está na razão inversa da realidade e que começa já a cair no ridículo.

Efectivamente, nunca se viu tão ignominiosamente, tão deslavadamente como a respeito desta revolução russa. O impudor atingiu o auge. O impudor e a subversão. Ser aliado do, portanto, contra a Rússia, significou, sobretudo entre nós, a abdicação do formal do senso crítico, a humilhação abjecta perante os ídolos entristidos Lloyd George e Clémenceau. Em nenhum país os sanguinários pontífices da guerra tiveram mais abjectas adulações e foram alvo do mais rastejante servilismo. Sucede, assim, que a maioria da imprensa portuguesa, sem exclusão daquela que representa as tendências democráticas mais avançadas, não tem tido nesta tão complexa questão senão repulsiões gestos e envenenadas alusões. Isto é chocante para quem confronta o procedimento desta imprensa com a de outros países que, ao mesmo tempo, aliás, as tradições liberais do nosso. Um exemplo.

O *Heraldo de Madrid*, importante e ponderado quotidiano, num editorial do 23 do corrente, assinado por Manuel Bueno, entre várias reflexões sobre o bolxismo diz: «Todo o sangue derramado pelos partidários do Lénine e Trotsky não saldará senão uma pequena parte da dívida de ódio que as massas contrairam com o capi-

talismo em séculos de ditadura feudal. Não há, pois, motivo para susto nem temos o direito de chamar carrascos aos homens que tomaram valentemente a direcção do movimento revolucionário russo. A nuvem não restitue ao mar senão uma parte da água que lhe roubou...»

Que jornal burguês admitiria, em Portugal, uma tal linguagem?

Os especuladores que nos falam dos horrores da miséria russa esquecem propositalmente que ela resulta não do sistema das novas instituições mas do bloqueio imposto pelos países aliados que tiveram, aliás, uma igual depressão económica resultante do estado geral de guerra e da circunstância especial da campanha submarina. Que seria de nós, que seria da Europa, ocidental se se sofresse um bloqueio igual ao que sofre a Rússia, passa já de cinco anos?

Evidentemente, uma mudança de regime causa sempre perturbações graves e ninguém esperava, mesmo os mais simplistas, que o império russo, esgotado e arruinado pela guerra e pelas derrotas se transformasse magicamente num Eldorado ridículo e farto. Mas a resistência da Revolução às emergências internas, agravadas com as injunções estranhas dominadas do vil propósito dum aniquilamento sistemático, provam, ao contrário, a favor do novo regime.

Não, o bolxismo não morre. Que o sistema soviético evoluirá talvez, para um socialismo moderado antes de se lançar na via do comunismo integral, não o reputamos inadmissível. Todo o governo tende a tornar-se conservador. Mas a transformação do capitalismo, o regime iníquo da exploração patronal, o nivelamento e uniformização das classes, a abolição das castas e hierarquias sociais, a nobilitação do trabalho, a extinção da burguesia como sucedeu ao feudalismo, tudo isso é virtualmente um facto na Rússia vermelha, experiência bem dolorosa neste país, reconhecemos, como foi em França a grande revolução do século XVIII, mas de que há de aproveitar os países onde porventura se instaure um regime social identico.

«Vai ser pois dada a paz à Rússia bolchevista? Vão ser reconhecidas as instituições soviéticas? Isso que venha e bem depressa, e nós veremos o que pode realizar em paz um sistema que tão boas provas deu em guerra.

A agitação social na Inglaterra

Os ferroviários vão para a greve—O governo suspende as licenças aos militares

LONDRES, 27. — A junta ferroviária conferenciou com Lloyd George e a saída da conferência, Thomas militante ferroviário disse que a greve se declarará na 6.ª feira à meia noite. Recusa-se que os chauffeurs dos caminhos de ferro subterráneos e o serviço dos omnibus se unam aos grevistas ferroviários. O ministro da guerra suspendeu todas as licenças a militares. — H.

A questão de Fiume

A câmara, depois de deliberar, será dissolvida

ROMA, 26. — A câmara será dissolvida depois da votação sobre a questão de Fiume. A discussão dos tratados será adiada até que se constitua a nova câmara. — H.

Fiume não será bloqueada

ROMA, 26. — Diz o *Popolo Romano* que o bloqueio marítimo de Fiume não se realizará a fim de evitar incidentes. Reiniciu novamente o conselho da cora.

A agência Stefani naga as notícias da imprensa relativas à primeira sessão do conselho na qual não foram tomadas resoluções sobre os fins da reunião.

Greve de músicos em Paris

PARIS, 27. — Continua a greve estando fechados os espectáculos nos salões de concerto e musicalls. Só funcionam os teatros e cinematógrafos. — H.

Alfredo da Silva em foco

Habitado a fazer curvar os governos, não quer pagar uma contribuição da Câmara Municipal do Barreiro

A Câmara Municipal do Barreiro, atendendo às necessidades públicas do concelho e muito especialmente da vila do Barreiro, lançou, há pouco tempo, ao abrigo da lei, um imposto sobre todos os produtos nele produzidos. Sucedeu que, depois de várias tentativas para a efectivação desta medida pelas comissões administrativas transactas, sem resultado, pela oposição que os industriais sempre lhe fizeram, destacando-se dentro deles o potentado Alfredo da Silva, a actual comissão administrativa da Câmara Municipal do Barreiro resolveu, por, de facto, em execução aquela medida.

O primeiro industrial a opôr uma recusa formal à determinação camarária foi o já conhecido fomentador da indústria nacional pela exploração exercida sobre os que produzem—Alfredo da Silva—que se recusou terminantemente ao pagamento daquela taxa, querendo demonstrar que, de facto e de direito, o potentado da C. U. F., acostumado de longa data a fazer curvar governos, autoridades e tudo, tenta por todas as formas fazer curvar a Câmara Municipal do Barreiro, que, num gesto altivo, enérgico e desassombrado, como só o tem aquelas entidades que estão de posse da Razão e do Direito, requisitou a autoridade administrativa o embargo de vagons, com sacos de adubos, que o mesmo senhor tentava expedir sem pagamento daquela taxa.

Por sua vez, a autoridade administrativa, a requisição da câmara, deu cumprimento à lei requisitando, por sua vez, ao chefe da estação do Barreiro, a detenção dos mencionados vagons até preenchimento das formalidades legais pelo tribunal administrativo. Esta requisição da autoridade foi prontamente cumprida pelo chefe da estação do Barreiro, encontrando-se os vagons retidos, sujeitos, porém, ao pagamento da sua retenção, em harmonia com o regulamento dos Caminhos de Ferro, retendo que até à data importa numa avulsa soma que, imprimeiramente, terá de ser satisfeita pela Câmara Municipal ou pela C. U. F.

Em face do curso tortuoso que tem grave questão está tomando, a comissão administrativa da Câmara Municipal do Barreiro, convidou para uma reunião que se efectuou ontem pelas 20 horas na sala das sessões da câmara, os representantes das associações operárias locais, a Imprensa de Lisboa e o povo do Barreiro, a fim de se esclarecer o caso perante a opinião pública, e demonstrar assim os intuitos que sempre animaram o perseguidor do operário, provando à evidência que um pouco de bom senso anula os componentes daquele organismo administrativo que, embora não corresponda às práticas sindicais duma sociedade justa e aquietadora pelo que não pode ter o nosso aplauso, tem-nos, todavia, neste momento, em que se trata de não se deixar espessar pelo representante duma companhia que tem obtido lucros fabulosos com a indústria que explora e que agora se recusa a ceder uma insignificante parcela desses lucros que se destina a compensar um pouco os prejuízos que a existência das fábricas adentro da vila do Barreiro produzem à sua população, envenenando-a.

Pró-AVANTE!

Os camaradas do grupo editor do *Avante!* receberam mais as seguintes quantias para o reaparelhamento do diário operário:

Transporte: 166\$20. António Dias, \$50; Obras do novo Arsenal, \$405; De pessoal da indústria de alimentação de um importante hotel, 12\$70; Obras das Cortes, listas 17 e 18, 3\$25. Soma, 186\$70.

Aos presos do Picadeiro

Tendo uma comissão de ex-prisioneiros do picadeiro do quartel do Carmo, tomado a iniciativa, que já é do conhecimento de todos, e não tendo sido possível reunir a quantia necessária para a por em execução, resolver a referida comissão entregar a importância apurada, 22\$75, à comissão pró-presos por questões sociais.

Como, porém, alguns camaradas contribuintes poderão discordar desta resolução, ficam por esta forma prevenidos do facto e, os que discordarem, podem vir receber as importâncias com que concorrerem, todos os dias úteis, das 19 às 21, até ao dia 15 de Outubro próximo. Findo este prazo, será a referida importância entregue à comissão pró-presos por questões sociais.

Congresso Nacional dos Empregados no Comércio

Realiza-se hoje, às 11 horas, no teatro Rosa Damasceno, em Santarém, a sessão inaugural do Congresso dos Empregados no Comércio, onde se devem fazer representar as Associações do norte, sul e centro do país.

As sessões, que são 4, devem ter lugar hoje e amanhã, discutindo-se os relatórios do Conselho Geral e das Juntas Executivas (norte e sul) da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio e relatório da direcção do cofre de resistência, um projecto de estatuto-padrão para as associações de empregados no comércio de Portugal, as teses «Os empregados no comércio e o direito à greve» e «Higiene nos lugares de trabalho e internato» e o relatório dos delegados da classe ao Congresso Nacional Operário de Coimbra.

II CONGRESSO OPERÁRIO NACIONAL

DOCUMENTOS APROVADOS:

«Relatório do Conselho Jurídico», que mereceu o aplauso unânime do Congresso.

Presados Camaradas: — O Conselho Jurídico da U. O. N. (1.ª secção) é um organismo de criação recente. Acaba de completar um ano de existência. Como todas as instituições, como todos os organismos há de passar pelos estados de formação, nascimento, desenvolvimento até a plena maturação e morte ou desaparecimento. Terve já o seu período de gestação: viveu na consciência operária durante alguns anos a vida embrionária que a necessidade e os factos e de factos identicos que cada vez o tornavam mais necessário e mais urgente. Nasceu, pois, correspondendo a uma necessidade, veio para preencher uma lacuna, surgiu para desempenhar um papel seu, para ter funções específicas, para ter uma vida própria, autonomia e utilidade.

Tem tido um começo de vida perfeito? Tem desempenhado plenamente o seu papel? Tem satisfeito por completo as necessidades que justificaram e produziram o seu aparecimento e que hoje, mais do que ontem, justificam e reclamam a sua manutenção e a sua acção? A resposta não se faz esperar e é esperada. Não. Como em geral, como quase sempre se não mesmo sempre, instituição que surge, organismo que se cria, ser que nasce, está sujeito a desenvolvimento, a aperfeiçoamentos, a transformações, a adaptações. A função, o órgão. E a função ou funções que criaram a vida embrionária do Conselho Jurídico da 1.ª secção da U. O. N., que o fizeram nascer para satisfação de necessidades que nestes últimos tempos mais se tem intensificado, generalizado e complicado, não de também evoluir, transformá-lo e adaptá-lo à plena satisfação das necessidades que o exigem.

O Conselho Jurídico tem tido deficiências. Alguns dos membros que o compozeram logo de começo, por circunstâncias várias da sua vida não puderam, passados os primeiros tempos, dar-lhe o esforço que ele demandava. Não produziram a soma de trabalho que era necessário, não desenvolveram a actividade aturada que era indispensável para colher os frutos que se desejavam. E assim, de certa altura em diante, para muitos trabalhos que o podiam e deviam dispensar encontrou-se o advogado — um funcionário do mesmo Conselho Jurídico — muitas vezes só e outras acompanhado pela dedicação de um camarada — o camarada Alfredo Pinto — que não era membro deste organismo mas sim um seu empregado, pois tem desempenhado a incomoda e por vezes estopante função de cobrador e que mais não tinha obrigação de fazer. Julga-se, porém, que, mesmo que os referidos membros do Conselho tivessem podido acompanhar mais assiduamente a acção do mesmo Conselho, seriam insuficientes. A soma e por vezes diversidade do trabalho a fazer, demandava e demandará um maior numero de representantes operários. O Conselho Jurídico não tem tido a bem dizer ferramenta própria, não tem um gabinete próprio com a sua ou suas secretárias, sua estante onde se guardem os seus livros de direito e legislação necessários, as suas cadeiras, em suma o seu mobiliário, os seus livros e os seus pertences mais indispensáveis. Tem-se utilizado, até agora, do gabinete da U. O. N. (1.ª secção) molestando assim até certo ponto os que ali se reúnem e sendo tolhido também nos seus movimentos. O Conselho Jurídico não tem tido um procurador. Com estas deficiências todas da sua organização, da sua estrutura, nada admira que não tenha sido perfeita a vida do seu primeiro ano, não é de estranhar que não tenha satisfeito por completo as necessidades que o produziram e que, assim, pela falta de algumas peças, pela insuficiência de outras, a máquina não tenha dado tudo o que é necessário que de e se tenham deixado de realizar alguns trabalhos para não deixar de fazer outros que reclamavam mais urgentemente o seu esforço.

Todavia, O Conselho Jurídico da U. O. N. (1.ª secção) que financeiramente — como podem provar-lo o cobrador, o tesoureiro e o vogal secretário que se encontram presentes no Congresso — tem uma vida arrumada e próspera, não tem passado despercebido no seio do operariado e da sociedade portuguesa, muito ao contrário, tem realizado, não obstante as suas imperfeições de estrutura ligeiramente esboçadas, uma acção bem marcada e de real utilidade. E bem conhecida essa acção. As associações que colheram os seus resultados: os associados que com o insignificante esforço de um centavo por mês puderam receber o benefício de uma consulta ou de mais de uma que lhes poderiam custar dois, três ou mais escudos; os que se viram acompanhados durante os dias duros da prisão e se viram restituídos à liberdade; os que, ilegal, arbitrariamente e brutalmente atirados para a África, se viram ao fim de meses de sofrimento repatriados, restituídos às suas terras e aos seus lares; os que levados a julgamento, inocentes uns, autores outros de factos que a lei e a sociedade considera delictos e que não passam de actos necessários e inerentes à luta operária, foram absolvidos — esses todos conhecem e não esquecem a acção do Conselho Jurídico. Esta acção está também no espírito de todos os bem intencionados que com interesse tem acompanhado em A Ba-

O Conselho Jurídico

«A Luta» bolchevista?

No jornal *A Luta* lemos ontem o seguinte sueltó:

«Já quasi esteve proclamado vencedor dos bolchevistas o almirante Koltchak. Agora dizem os jornais que ele resignou o comando que exercia, naturalmente por ter reconhecido a ineficácia da sua acção guerrilheira.

«O que se passara, de verdade, lá pela Rússia?

Aquilo anda em desordem, não há dúvida; mas é uma desordem organizada no sentido de sobre ela vir a estabelecer-se uma ordem duradoura.

Bem sabemos que a revolução francesa durou muitos anos, mas há quanto tempo isso lá vai!

Pode ser que mais uma vez do caos saia a ordem, e que a Rússia esteja chocando um futuro de tranquilidade próspera.

Aconselhamos *A Luta* a mudar de orientação; de contrário, dentro em pouco tempo será considerada bolchevista pelos seus colegas burgueses.

Wilson com nervoso

WASHINGTON, 27. — O médico do presidente Wilson ordenou-lhe que suspenda a viagem e volte para Washington. O presidente padece duma doença nervosa, não grave. — H.

Na Rússia Vermelha

Os ingleses evacuam o Cáucaso

LONDRES, 26. — Diz a Agência Reuters que os ingleses continuam evacuando o Cáucaso. — H.

NOTAS E IMPRESSÕES

Uma história de amor

Um dia destes seguiu eu por uma destas acceadas artérias de Lisboa, não importa qual, verificando que a hora da chegada de sol não trouxera para a rua, naquele dia pesado e de luz violenta, uma única mulher de que se pudesse dizer benzade Deus. Nos poucos momentos que a minha meditação abria parêntesis não descobria senão pretas e senhoras beixigas que, com uma frequência irritante, me calam sob o olhar, e que teimavam em tapar os vestígios fundos da doença com uma espessa camada de pó de arroz, o qual, por seu lado, teimava também em não querer encobrir as faltas dos outros, deixando completamente a descoberto os buracos fatais — coisa que, francamente, lhe não posso, nem ninguém pode levar a mal. Mau grama, a minha meditação era interrompida pela observação, tantas vezes repetida, deste facto, e não pude, então, deixar de notar ser enorme a percentagem de assinalados pelo terrível mal. Estou mesmo em dizer que um quinto da população alfacinha é beixigosa, sem que isso queira significar o desleixo e o relaxamento dos sobreditos alfacinhas, pois duvido muito dos méritos vacilantes que tanta gente aprecia e propaga. Acredito mais depressa que sou o possuidor dos tesouros de Golconda do que na efidêcia da vacina de Jenner, pela qual ele teve o bom senso de recolher à poche a bagatela de quinhentos mil francos, crachat com que o parlamento inglês decidiu condecorá-lo.

Pensava eu em todas estas coisas, que a fealdade das minhas compatriotas daquele dia me sugeriram — porque estou convencido de que as mulheres lindas desta terra saem todas a passeio nos mesmos dias — quando um outro incidente, bastante diverso, aliás, me chamou a atenção. Uma palavra soou aos meus ouvidos, mas uma palavra doce, melodiosa, suave, harmoniosa e ao mesmo tempo terrível, que uma boca de doze anos, o máximo, acabara de pronunciar: — Amor.

Era uma criança extraordinariamente formosa; a única que se tinha enganado no dia, vindo à rua mostrar os dentes felizes da felicidade. Adeus. Envio-lhe todas as suas cartas. Quanto às minhas talvez já não existam, nem agora me andam, que mais parecia uma rainha. E, positivamente, uma rainha de beleza. Estranhei a imprudente palavra que os seus lábios deixaram escapar, e es'ive quasi tentado a fazer-lhe uma preleção sobre o tema que, inadvertdemente, ela me tinha proporcionado. Era, todavia, duma indelicadeza crassa fazer-lhe, e lembrei-me de que talvez aos olhos da inexperiente garota chegasse um dia a história verdadeira revelada por uma carta, horrível pelo que nela palpita de desespero e de sacrifício, e que

cheguei às minhas mãos não importa como. E' uma tragédia em quatro lanchas de papel inglês, encorpado e descheia de sol não trouxera para a rua, naquele dia pesado e de luz violenta, uma única mulher de que se pudesse dizer benzade Deus. Nos poucos momentos que a minha meditação abria parêntesis não descobria senão pretas e senhoras beixigas que, com uma frequência irritante, me calam sob o olhar, e que teimavam em tapar os vestígios fundos da doença com uma espessa camada de pó de arroz, o qual, por seu lado, teimava também em não querer encobrir as faltas dos outros, deixando completamente a descoberto os buracos fatais — coisa que, francamente, lhe não posso, nem ninguém pode levar a mal. Mau grama, a minha meditação era interrompida pela observação, tantas vezes repetida, deste facto, e não pude, então, deixar de notar ser enorme a percentagem de assinalados pelo terrível mal. Estou mesmo em dizer que um quinto da população alfacinha é beixigosa, sem que isso queira significar o desleixo e o relaxamento dos sobreditos alfacinhas, pois duvido muito dos méritos vacilantes que tanta gente aprecia e propaga. Acredito mais depressa que sou o possuidor dos tesouros de Golconda do que na efidêcia da vacina de Jenner, pela qual ele teve o bom senso de recolher à poche a bagatela de quinhentos mil francos, crachat com que o parlamento inglês decidiu condecorá-lo.

E' a sua recordação que me vai enfraquecer o animo no derradeiro minuto da vida. Mas hei de ter coragem, espere-o. E' em instante; um puxar de galitinho e pronto, a vida é o próprio. Sou muito e não quero sofrer mais. Vou-me. Se o despriso não pode, realmente, matar o amor, uma bala de revólver ainda tem esse poder. Bem haja. E se no céu se consente memória desta vida — como diz o poeta — hei de rogar por si, e verá como a súplica dum inno dia, vindo à rua mostrar os dentes felizes da felicidade. Adeus. Envio-lhe todas as suas cartas. Quanto às minhas talvez já não existam, nem agora me andam, que mais parecia uma rainha. E, positivamente, uma rainha de beleza. Estranhei a imprudente palavra que os seus lábios deixaram escapar, e es'ive quasi tentado a fazer-lhe uma preleção sobre o tema que, inadvertdemente, ela me tinha proporcionado. Era, todavia, duma indelicadeza crassa fazer-lhe, e lembrei-me de que talvez aos olhos da inexperiente garota chegasse um dia a história verdadeira revelada por uma carta, horrível pelo que nela palpita de desespero e de sacrifício, e que

cheguei às minhas mãos não importa como. E' uma tragédia em quatro lanchas de papel inglês, encorpado e descheia de sol não trouxera para a rua, naquele dia pesado e de luz violenta, uma única mulher de que se pudesse dizer benzade Deus. Nos poucos momentos que a minha meditação abria parêntesis não descobria senão pretas e senhoras beixigas que, com uma frequência irritante, me calam sob o olhar, e que teimavam em tapar os vestígios fundos da doença com uma espessa camada de pó de arroz, o qual, por seu lado, teimava também em não querer encobrir as faltas dos outros, deixando completamente a descoberto os buracos fatais — coisa que, francamente, lhe não posso, nem ninguém pode levar a mal. Mau grama, a minha meditação era interrompida pela observação, tantas vezes repetida, deste facto, e não pude, então, deixar de notar ser enorme a percentagem de assinalados pelo terrível mal. Estou mesmo em dizer que um quinto da população alfacinha é beixigosa, sem que isso queira significar o desleixo e o relaxamento dos sobreditos alfacinhas, pois duvido muito dos méritos vacilantes que tanta gente aprecia e propaga. Acredito mais depressa que sou o possuidor dos tesouros de Golconda do que na efidêcia da vacina de Jenner, pela qual ele teve o bom senso de recolher à poche a bagatela de quinhentos mil francos, crachat com que o parlamento inglês decidiu condecorá-lo.

E' a sua recordação que me vai enfraquecer o animo no derradeiro minuto da vida. Mas hei de ter coragem, espere-o. E' em instante; um puxar de galitinho e pronto, a vida é o próprio. Sou muito e não quero sofrer mais. Vou-me. Se o despriso não pode, realmente, matar o amor, uma bala de revólver ainda tem esse poder. Bem haja. E se no céu se consente memória desta vida — como diz o poeta — hei de rogar por si, e verá como a súplica dum inno dia, vindo à rua mostrar os dentes felizes da felicidade. Adeus. Envio-lhe todas as suas cartas. Quanto às minhas talvez já não existam, nem agora me andam, que mais parecia uma rainha. E, positivamente, uma rainha de beleza. Estranhei a imprudente palavra que os seus lábios deixaram escapar, e es'ive quasi tentado a fazer-lhe uma preleção sobre o tema que, inadvertdemente, ela me tinha proporcionado. Era, todavia, duma indelicadeza crassa fazer-lhe, e lembrei-me de que talvez aos olhos da inexperiente garota chegasse um dia a história verdadeira revelada por uma carta, horrível pelo que nela palpita de desespero e de sacrifício, e que

O amor é quasi sempre isto, minha pequena. Um deslumbramento, uma delusão, uma carta lacónica e, no fim, como um selo de chumbo a fechar o ciclo doloroso das torturas, um tiro libertador.

O amor... Que Imprudência! Tome cautela!...

Antero de LIMA.

A PRISÃO DOS JOVENS SINDICALISTAS

Os presos respondem na terça feira

E' necessário que os trabalhadores vão ao tribunal, a fim de que justiça seja feita aos jovens operários vítimas da bilis do sr. Sá Cardoso

Os jovens sindicalistas presos estiveram, conforme abaixo noticiamos, na Boa Hora a fim de prestar declarações. Na terça-feira, responderão no tribunal pelo seu crime, sendo de esperar que o proletariado consciente se faça largamente representar, a fim de que seja severamente fiscalizada a justiça burguesa. Animados e resolutos se encontram os presos. Bem animador é esse facto para aqueles que depositam bastantes esperanças na mocidade de hoje. O que se impõe, é que os trabalhadores saibam corresponder a esse entusiasmo dos jovens operários, acalentando-o com a sua solidariedade e demonstrando a sociedade capitalista que estão absolutamente identificados com a atitude dos jovens sindicalistas.

Núcleo Juventude Operária

Envia-nos um veemente protesto contra a prisão dos jovens sindicalistas afirmando-lhes a sua inteira solidariedade.

Os presos foram ontem pronunciados, devendo responder na terça feira

Ao 1.º juízo de investigação criminal, cartório do escrivão sr. Tavares de Melo foram ontem enviados os camaradas Adriano dos Reis, de 22 anos, serralleiro; Manuel Francisco, de 15, serralleiro; Profirio da Silva, de 20, servente de pedreiro; José Rafael, de 20, impressor; Armando dos Santos, de 20, serralleiro; Carlos Francisco Ramos, de 19, limpador de máquinas; António Moreira Junior, de 19, ferro-viário; Sebastião da Costa Branco, de 23, latoeiro; Francisco da Silva Gomes, de 19, serralleiro; Teotónio do Nascimento, de 13, torneiro; Alexandre Cruz Vieira, de 19, serralleiro; Ernesto Bonifácio,

de 18, alfaiate; Inácio da Silva, de 18, de 28, servente de pedreiro; João Branco, de 18, torneiro; José de Melo Aguiar, de 18, ferro-viário; Adelino da Silva Cardoso, de 21, preguiçoso; José dos Santos, de 22, preguiçoso; Francisco Gomes, de 40, preguiçoso; Alvaro Vasques de 27, marceneiro; Gonçalo Manoel Cardoso, de 18, marceneiro; Vitor Martins, de 17, marceneiro; Raúl Vaz, de 18, marceneiro; Diniz Nunes da Silva, de 17, marceneiro; José da Silva, de 27, marceneiro; Carlos Silva, de 21, marceneiro; Ismael Pereira, de 19, mecânico de madeira; Luciano Corrêa Martins, de 18, serralleiro; Joaquim de Oliveira, de 16, torneiro; José de Sousa, de 21, torneiro; António Pedro Gomes Leitão, de 23, torneiro; David Inácio Ferreira dos Reis, de 22, trabalhador, todos de Lisboa excepto os quatro, sexto e vigésimo terceiro, decimo oitavo que são respectivamente da Covilhã, Tomar e Santa Lucrecia, Braga.

Também foi enviada Leopoldina Tavares, de 20 anos, costureira, de Lisboa, que prestou termo de abonação, residência e identidade, pelo que saiu em liberdade. São todos acusados de fazer propaganda anti-militarista e anti-patriótica, não se acrescentando, porém, que estavam reunidos para protestar contra a carestia da vida. Os camaradas presos, em face de uma complicada acusação, espalhafatosa e falsa, negaram redondamente o que a polícia lhes atribua. Foi designada a próxima terça feira para o seu julgamento e que podiam apresentar testemunhas de defesa, ao que os camaradas presos responderam unanimemente que elas seriam os seus co-réus. Também à ordem do 1.º juízo de in-

Companhia dos Tabacos de Portugal

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Capital Escudos 9.000.000\$00

FÁBRICAS

614

Sede

Avenida da Liberdade, 12

LISBOA

Em Lisboa

Lisbonense — R. Santa Apolónia

Xabregas — R. Direita Xabregas

Lourenço Marques — Avenida Central

Comité em Paris

Rua Lafayette, 11

PARIS

No Porto

Lealade — R. Costa Cabral

Portoense — Poco das Patas

Loanda — Rua Salvador Correia

DEPOSITOS GERAIS

Em Lisboa

Rua Direita de Xabregas

No Porto

Campeo 24 de Agosto, 51

Os tabacos desta Companhia encontram-se a venda em todos os estancos do País e nas agências do Ultramar

"A ABASTECEDORA"

Companhia Portuguesa — Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, em organização

Capital inicial: **QUINHENTOS MIL ESCUDOS (500 contos)**
Podendo elevar-se até **doz milhões de escudos (10:000 contos)**
em acções liberadas de esc. 10800

Sede provisória: **R. Nova do Almada, 95, 2.º — LISBOA**

Esta Companhia destina-se especialmente à venda ao público, em todo o país, em estabelecimentos próprios e nas suas agências, de **todos os géneros de primeira necessidade**, pelos mais reduzidos preços, a fim de conseguir a **redução do custo da vida**.

Acceptam-se pedidos de acções, sujeitos a rateio, até 15 de Outubro. Envia-se grat^s o programa a quem o pedir.

(58)

Chapelaria A SOCIAL
Cooperativa dos Operários Chapeleiros
Grande sortimento em chapéus, lisos e mes-
clas em cores lindíssimas, formatos
dos mais afamados fabricantes ex-
trangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, sui-
to elegante, só na **Cooperativa A SOCIAL**
ESPECIALIDADE EM CHAPÉUS
DE COGO, SEDA E FLAMAO
Armazem e escritório: Rua Per-
nandes da Fonseca, 25, 1.^o
Estabelecimentos
Séde: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.^o Sucursal: Rua dos Poiais de S. Ben-
to, 74, 74-A.
2.^o Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29.
3.^o Sucursal: Rua do Arco do Marquês
de Alegrete, 66, 68.

FABRICA DE BONETS
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo) (122)

Companhia Nacional de Navegação

A Quinzenal
Primeiros vapores a
sair

no dia 7 o vapor PORTUGAL para
para Madeira, S. Vicente, Praia, S. Tomé,
Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo
Redondo, Lobito, Benguela, Mossamedes,
B. dos Tigres e Porto Alexandre.
Não recebe carga para S. Tomé.
Dia 10 o vapor MOSSAMEDES, di-
recto para S. Tomé.
Dia 22 o vapor ZAIRE, para Madei-
ra, S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé,
Cabinda, Zaire, Ambriz, Loanda, (S. Nicolau,
Cuio, Egito, B. Velha, Ambri-
zette, Quinzau, Quissanga, Boma, No-
qui, Natadi, Landana, Nculica e Musser-
ra, com transbordo em Loanda) N. Redondo,
Lobito, Benguela e Mossamedes.

Para carga, passageiros e quaesquer
esclarecimentos dirigir-se
EM LISBOA:
Companhia Nacional de Navegação
Rua do Comércio, 85
NO PORTO:
Sucursal da Companhia. — Rua Nova
da Alfândega, 76, 1.^o

TUBO de o-
hum-
bo novo pa-
ra Agua e Gás.
Tubo de ferro fundi-
do para algerozes de
4".
Um motor a gaz pobre
completo Socoport 30
HP.
Serra circular com
messa de ferro e três
folhas.
Uma ventoinha 7"
3/4.
Duas enfardadeiras
para palha.
Uma enfardadeira pa-
ra cortiça.
Madeira para cal-
xas.
Taboado diverso.
Cimento.
Vergalhão de ferro no-
vo 1" 3/4 quadrado.
Aço francês especial
para minas 1" 1/4 oita-
vado.
Folhas novas de mo-
las.
Ferragem diversa pa-
ra navios.
Fio de canhamo fran-
cês em bobinas.
Vende: A. B. dos
Reis.
Cala do Sodré, n.º 52

TRABALHADORES:
Lêde A Aurora
Quinzenário de Propaganda libe-
tária
Redacção e administração
RUA DO SOL, 131
PORTO—PORTUGAL
A' venda nos quiosques, tabacarias
na administração de A Batalha.

Em tempo de eleições, por
E. Malatesta
Preço 2 centavos
Leiam todos—Um folheto de boa propaganda

Brevemente
NOTAS e COMENTÁRIOS
por *Perfeito de Carvalho*
A BATALHA em Brag
Vende-se na BARBEARIA RIO.—Rua
Sé. 87.

Depósito de Materiais para Construção

Areia do Alfeite e Rio Sêco, cal em pó e em pedra,
manilhas de barro, tijolos de todas as qualidades, barro refractário,
tubos de grês, pedra de alvenaria, basalto
e vidraça para calçadas

612

TELEFONE n.º 828

Casimiro José Sabido & C.ª, Irmão, L.ª

Fabrico de tal, produtos cerâmicos e ladrilhos mosaicos
*Cimento Portland, pozzolana dos Açores, ladrilhos de mosaico,
azulejos, cantarias de Paço de Arcos, Pero Pinheiro, jazigos, estátuas,
xadreses e mármorees para móveis*

150, Rua de S. Bento, 172

LISBOA

HENRY BURNAY & C.^A
10, Rua dos Fanqueiros, 10—LISBOA Telefones N.ºs 3866, 3867 e 3868
Agência marítima do Porto: Rua da Nova Alfândega, 22

Operações bancárias

Compra e venda de cheques e de letras de câmbio. Emissão de cheques e de cartas de crédito sobre praças estrangeiras. Compra e venda de fundos públicos e privados. Depósitos à ordem e a prazo. Transferências de fundos em Portugal e para o estrangeiro.

Agentes do Banco Aliança, do Pôrto

Agentes da Guardian Assurance Company Limited, Londres

Produtos coloniais, Minas de ferro, urânio, Wolfram e pyrites de ferro. Adubo de baleia, radioactivo H. B. C.

— **Agentes de diversas companhias de navegação**

Banco de Portugal
Sociedade Anónima de responsabilidade Limitada
CAPITAL 13.500:000\$
Sede em Lisboa: Rua do Comércio, 149
615 (Vulgo Capelistas)
Caixa Filial no Pôrto
Agências em todas as capitais dos distritos administrativos do continente e ilhas dos Açores e Madeira, na Covilha e em Setúbal.
Correspondentes nas principais terras do país. Correspondentes nas Praças principais da Europa e do Brasil.
Operações de descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, com garantias determinadas pelos seus estatutos. Compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e de valores de transacção em moeda estrangeira, e de valores de transacção em moeda nacional.